

# MENINOS CHORAM: ADAM SMITH SOBRE RIQUEZA E EXPRESSÃO DE EMOÇÕES\*

Maria Pia Paganelli  
Trinity University / USA

**Resumo:** Estudos recentes sobre o choro mostram que chorar é mais comum em países mais felizes, mais livres e mais ricos do que em países mais pobres e menos livres. Estes resultados podem parecer contraintuitivos e contradizer a hipótese de que o choro é mais observável em países onde as pessoas sofrem mais. Adam Smith pode oferecer uma explicação: nas graves dificuldades da pobreza, demonstrar emoção e angústia pode ser interpretado como um sinal de fraqueza, não atraindo simpatia e comprometendo a sobrevivência. Como resultado, evitam-se demonstrações emocionais. Em vez disso, as sociedades comerciais mais ricas oferecem facilidade e tranquilidade que permitem aos indivíduos expressarem as suas emoções com menos consequências negativas.

**Palavras-chave:** Adam Smith, expressão de emoção, choro, sociedades comerciais, angústia, pobreza.

**Abstract:** Recent studies on crying show that crying is more common in happier, freer, and richer countries than in poorer and less free countries. These results can sound counterintuitive and contradict the hypothesis that crying is more observable in countries where people experience more distress. Adam Smith may offer an explanation: In the severe hardship of poverty, showing emotion and distress can be read as a sign of weakness, attracting no sympathy and compromising survival. As a result, emotional displays are avoided. Instead, wealthier commercial societies offer ease and tranquility which allows individuals to express their emotions with fewer negative consequences.

**Keywords:** Adam Smith, expression of emotion, crying, commercial societies, distress, poverty.

Ao contrário do estudo de Charles Darwin sobre emoções – *A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais* ([1872] 2009) – que levanta a hipótese de que “selvagens e bárbaros” chorariam mais do que pessoas “civilizadas”, há uma quantidade crescente de evidências de que chorar é um luxo que apenas as pessoas dos países ricos podem pagar. Em maio de 2016, Matthew Sweet publicou na revista *The Economist*, 1843 um artigo com o título sugestivo e revelador de *The Luxury of Tears*; em 2015, Thomas Dixon publicou um volume sob o título *Weeping Britannia*; em 2011, Dianne A. van Hemert, Fons J.R. van de Vijver e Ad J.J. M. Vingerhoets publicou um resultado

---

\* Traduzido por Carolina Paulsen e revisado por Thais Alves Costa e Everton Maciel.

seminal de um estudo transcultural sobre o choro. Em 1759, Adam Smith publicou *A Teoria dos Sentimentos Morais*, que não é um estudo sobre o choro, mas contém explicações que se ajustam notavelmente bem aos dados atuais sobre o choro.

Os dados mundiais da ciência do choro hoje parecem indicar que o choro ocorre cada vez com mais frequência nos países ricos e livres. Quanto mais angustiado está um país, menos choro é relatado. O choro está positivamente correlacionado ao bem-estar subjetivo, extroversão, riqueza, liberdade política e individualismo. As mulheres choram mais do que os homens, especialmente quanto mais ricos, mais igualitários, mais democráticos e mais individualistas for o seu país de residência. Os homens australianos e americanos estão entre os homens que choram com mais frequência no mundo, e os homens nigerianos e búlgaros são os que choram menos. As mulheres suecas são as que choram mais, as mulheres do Gana são as que menos choram.

Enquanto van Hemert *et al.* ficaram surpresos com seus resultados, Adam Smith pode não ter ficado. Para ele, quanto mais “educada” for uma sociedade, mais capaz será de expressar as próprias emoções. Para Smith, de fato:

A emoção e a vivacidade com que se expressaram os franceses e os italianos, as nações mais polidas do continente, surpreendem os estrangeiros que viajam entre eles. Um jovem nobre francês chorará na presença de toda a corte ao lhe ser recusado um regimento. Um italiano expressa mais emoção ao ser condenado a uma multa de vinte xelins do que um inglês ao receber a sentença de morte. (TMS V.2.10).

Para Smith, a falta de expressão das emoções é uma característica dos selvagens e dos bárbaros. Dado que as sociedades selvagens e bárbaras tendem a ser mais pobres do que as sociedades comerciais, a história de Smith enquadra-se nos dados atuais.

“Selvagem” e “bárbaro” não são palavras depreciativas. Smith segue a caracterização típica do século XVIII de diferentes sociedades. As sociedades de caçadores-coletores são geralmente chamadas de selvagens, os bárbaros pastoris, os civilizados agrícolas e a sociedade comercial são refinadas ou polidas. Os selvagens e os bárbaros são caracterizados pela violência e pela força bruta e são sociedades dominadas pelos homens, nas quais as mulheres são propriedade e existe escravidão. As sociedades agrícolas e comerciais são educadas (em oposição às rudes), mais humanas, mais delicadas e mais

femininas. O feminino é uma característica positiva das nações polidas. A feminilidade é diferente da efeminação, que continua a ser uma degeneração a evitar (TMS IV.I.21 e I.iii.i.9, IV.2.1, V.2.7, V.2.9; para uma análise completa ver SEBASTIANI 2013; JUSTMAN 1993. Para obter mais informações sobre as diferentes idades da sociedade, consulte BERRY 2013 e SMITH 2006).

Independentemente do tipo de sociedade em que vivem, Smith diz-nos que todas as pessoas têm um desejo inato de serem aprovadas e de receberem a aprovação dos outros, bem como de não serem desaprovadas e de não receberem a desaprovação dos outros. Isto implica que, na maioria das vezes, o nosso comportamento estará alinhado com o que os nossos pares esperam que façamos, com as normas da nossa sociedade. Somos o objeto adequado de aprovação quando um espectador imparcial de nossa sociedade aprovaria nossa conduta. Da mesma forma, somos objeto de desaprovação quando um espectador imparcial de nossa sociedade desaprovava nossa conduta. Assim, ajustamos o tom das nossas paixões para ir ao encontro da aprovação do espectador, ou seja, ao que é apropriado na nossa sociedade (TMS I.ii.intro-3).

O ajuste do tom de nossas paixões é possível porque exercemos o comando sobre elas. O autodomínio é indispensável para ajustar o tom das nossas paixões ao que é apropriado na nossa sociedade e na nossa posição. Uma expressão descontrolada das nossas paixões nunca é apropriada, possivelmente com exceção de uma criança pequena (TMS III.2.22). A expressão das nossas paixões é, portanto, sempre de alguma forma controlada. O grau de controle dependerá do que for apropriado nas circunstâncias daquele momento e local. Na sociedade de Smith, um pai expressa apropriadamente, em privado, o pesar pela perda do seu único filho, mas a mesma expressão pública de pesar seria “imperdoável” num general à frente de um exército (TMS 5.2.5). Assim, a associação habitual de comportamentos específicos com as circunstâncias peculiares de algumas profissões faz-nos pensar que esse comportamento específico seja o carácter habitual adequado a essa profissão (severidade num padre, por exemplo). Quando observamos um personagem diferente daquele que consideramos habitualmente apropriado para aquela profissão, estamos aptos a criticá-lo como inadequado (ou “imperdoável”).

Da mesma forma, Smith escreve,

as diferentes situações de diferentes épocas e países são capazes, da mesma maneira, de dar caracteres diferentes à generalidade daqueles que nelas vivem, e aos seus sentimentos relativamente ao grau particular de cada qualidade, que é

culpável ou louvável, variam de acordo com o grau usual em seu próprio país e em sua época. (TMS V.2.7).

Outra maneira de pensar sobre isso é pensar na suposição de Smith do “igualitarismo radical do nascimento” (PEART; LEVY 2005), segundo o qual, não existem diferenças naturais de caráter. Essas diferenças emergem das circunstâncias às quais estamos habitualmente expostos. Esperaríamos, portanto, comportamentos e caracteres diferentes nos países pobres e rudes e nos países ricos educados. As sociedades rudes são pobres porque ainda não dependem do comércio. A sua pobreza leva à dureza e ao perigo e angústia contínuos. A sua pobreza é tal que as pessoas morrem de pura necessidade. Este é um conceito tão profundo em Smith que ele abre o livro *Riqueza das Nações* repetindo-o: “A pobreza das sociedades pré-comerciais é tal que induz as pessoas a abandonar crianças e idosos para serem devorados por feras selvagens” (SMITH [1776] 1981, introdução).

As dificuldades às quais os selvagens estão constantemente expostos os habitua à angústia. Expressar qualquer uma das emoções que esta angústia desperta é um sinal de fraqueza que não geraria nenhuma simpatia ou indulgência de qualquer companheiro selvagem. Portanto, não faz sentido expressar qualquer emoção, e um selvagem de fato não expressa nenhuma. O autodomínio completo – e a consequente falta total de expressão emocional – é uma virtude que encontra pleno poder nas sociedades pré-comerciais. A completa falta de expressão emocional de um selvagem norte-americano exige um nível de autocontrole que é inconcebível para um europeu (TMS V.2.9). Neste longo parágrafo, Smith continua:

Todos os selvagens estão demasiado ocupados com os seus próprios desejos e necessidades para dar muita atenção aos de outra pessoa. Um selvagem não espera simpatia daqueles que o rodeiam e desdenha, por esse motivo, expor-se, permitindo que a menor fraqueza lhe escape (TMS V.2.9).

Essa pode ser uma razão para a forte condenação de Smith aos antigos filósofos estoicos que promovem tal cultivo do autocontrole a ponto de eliminar qualquer demonstração de paixões, a ponto de um homem não sentir mais pela perda de seu pai ou filho do que pela perda do pai ou filho de um homem aleatório. Smith nos diz que “tal indiferença antinatural, longe de excitar nossa aprovação, incorreria em nossa maior desaprovação” (TMS III.3.13). Os estoicos podem estar dispostos a sobrepor uma ética de dificuldade típica de selvagens e bárbaros a um ambiente mais refinado, o que a

torna inadequada e, portanto, condenável (cf. RAPHAEL; MACFIE, Introdução de Smith [1759] 1984; RAPHAEL 2007; VIVENZA 2001; VIVENZA 2005). Esta também pode ser a razão pela qual Smith não condena a prática selvagem do infanticídio em sociedades muito pobres, enquanto a condena na rica e comercial Atenas: uma ética de dificuldade típica de selvagens e bárbaros é inadequada e condenável em uma era em que essa dificuldade não está mais presente (ver também LEVY; PEART 2013).

Como o general choroso à frente do exército, isso é “imperdoável”, pois é inadequado. Em uma sociedade civilizada, as únicas circunstâncias vagamente semelhantes às condições selvagens são “o céu tempestuoso e turbulento da guerra e das facções” (TMS III.3.37). Pelas necessidades da guerra, um soldado enfrenta constante dificuldade e perigo. Ele tem que violar a vida e a propriedade repetidamente, tanto que “isso extingue o respeito sagrado por ambos, que é a base da justiça e da humanidade”. De fato, para Smith, o contínuo desprezo pela humanidade, devido à necessidade de autocontrole no campo de batalha, eventualmente a enfraquece e extingue.

Observe que Smith é mais radical nesse equilíbrio entre autocontrole e humanidade do que alguns de seus contemporâneos. Adam Ferguson argumenta que, em sociedades civilizadas, a humanidade está presente também sob o céu tempestuoso e turbulento das guerras e facções – pelo menos indiretamente. Ferguson observa que os poemas épicos homéricos deixam os leitores e os heróis frios diante da morte de um inimigo. Poemas semelhantes escritos em tempos comerciais fazem com que os leitores e os heróis chorem pela morte de seus inimigos: “Heitor cai sem piedade... [O herói moderno] emprega sua valentia para resgatar os aflitos e proteger os inocentes” (FERGUNSON [1767] 1995, p. 191). Da mesma forma, David Hume descreve os soldados de sociedades comerciais como altamente engajados no campo de batalha e, no entanto, quando a batalha termina, eles depõem suas armas, “desinvestem-se da brutalidade e retomam a humanidade”. (HUME [1752] 1985, p. 274).

Voltando a Smith, para ele, “A dureza é o caráter mais adequado às circunstâncias de um selvagem, a sensibilidade àqueles que vivem em uma sociedade civilizada” (TMS V.2.13). Sociedades refinadas têm mais sensibilidade e mais humanidade e, como consequência, podem se permitir expressar mais emoção (TMS V.2.10). A razão que Smith dá para que as virtudes baseadas na humanidade sejam mais cultivadas em sociedades civilizadas do que aquelas baseadas na abnegação e no controle das paixões é que

A segurança geral e a felicidade que prevalecem na era da civilidade e da polidez oferecem pouco exercício ao desprezo pelo perigo, à paciência em suportar trabalho, fome e dor. A pobreza pode ser facilmente evitada e o desprezo por ela, portanto, quase deixa de ser uma virtude. A abstinência de prazer torna-se menos necessária e a mente está mais livre para se descontraí e se entregar às suas inclinações naturais em todos esses aspectos particulares (TMS V.2.8).

Note que Smith diz algo bastante semelhante em *A Riqueza das Nações* quando explica que temos dois tipos de moralidades: uma austera, para os pobres, e uma mais flexível, para os ricos. Os ricos podem se permitir comportamentos exuberantes, os pobres não podem (WN V.i.g.10). Quando as restrições mudam, o comportamento muda.

As sociedades comerciais são ricas. A riqueza das sociedades comerciais permite que as pessoas vivam com conforto e tranquilidade, pois sempre há o suficiente para viver bem. Lembre-se da conclusão do Capítulo 01 do Livro 01 de *A Riqueza das Nações*: um trabalhador britânico pobre vive em melhores condições do que um rei africano que é senhor de centenas de selvagens nus (WN i.i). Com a exceção de guerras ou facções, que envolvem apenas uma pequena parte da população, nas sociedades comerciais as pessoas tendem a viver “sob o sol ameno do sossego não perturbado, no calmo recolhimento do lazer regrado e filosófico, floresce e cresce melhor a suave virtude da benevolência.” (TMS III.3.37).

Portanto, a história de Smith se encaixa na história que Dixon conta: a Grã-Bretanha é um país choroso. Tem sido assim há muito tempo. O estereótipo do britânico frio e sem expressão é um período bem definido, recente e temporário, de beligerância na história britânica, aproximadamente de Charles Dickens (1870) a Winston Churchill (1965), atingindo seu auge durante a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais:

A postura rígida tinha seu propósito no campo de prisioneiros de guerra de Kuching e serviu ao mesmo propósito durante a emergência da Grã-Bretanha como o maior império do mundo, nas eras vitoriana e eduardiana. Mas essa era é apenas uma parte de um momento histórico muito mais longo e interessante (DIXON, 2015).

Para Smith, é uma pessoa em paz que pode melhor atender à aflição dos outros. Nisso, ele está contando uma história diferente de Hume, mesmo que o final seja muito semelhante. Para Hume, as sociedades comerciais trazem mais humanidade, mas isso não se deve ao aumento da tranquilidade e do

conforto, mas porque há mais ocasiões em que homens e mulheres podem interagir. Estar exposto à companhia de mulheres permite que os homens deixem mais facilmente sua rudeza e desenvolvam sentimentos mais delicados e a capacidade de expressá-los, por exemplo, através das artes da galanteria (HUME [1752] 1985, p. 271).

Van Hemert *et al.* descrevem a correlação positiva entre riqueza e choro. Mas a explicação de Smith apresentada aqui descreve como as sociedades comerciais trazem mais humanidade. O leitor atento, neste ponto, deve perguntar: estamos falando das mesmas coisas? Gostaria de argumentar que a resposta é sim, ou, pelo menos, bem próxima.

Um resultado consistente em van Hemert *et al.* é que as mulheres choram mais do que os homens, e quanto mais rico e igualitário é o país, mais presente é essa diferença. Para Smith, a humanidade é a virtude de uma mulher.

(...) A humanidade consiste meramente na fina simpatia que o espectador nutre com os sentimentos da pessoa principalmente envolvida, de modo a se entristecer com seu sofrimento, ressentir suas injúrias e se alegrar com sua boa sorte. As ações mais humanas [...] consistem apenas em fazer o que essa fina empatia nos levaria a fazer por conta própria (TMS IV.2.10).

Além disso, com essa definição de humanidade, Smith nos diz que, para ser humano, precisamos sentir o que outra pessoa sente, sofrer com ela, alegrar-se com ela. Mas se a outra pessoa não demonstra emoções, como podemos compartilhar emoções com ela? A humanidade exige que a “pessoa principalmente envolvida” mostre a expressão adequada de dor, mostre a expressão adequada de alegria, mostre a expressão adequada de ressentimento. A quantidade adequada para uma sociedade comercial, diferente de uma sociedade selvagem, é mais do que zero. A humanidade está presente e floresce nas sociedades comerciais porque nelas não temos aquelas dificuldades dos selvagens, as quais nos impedem de expressar nossas emoções, mas temos a facilidade que nos permite expressar nossas emoções.

Nas nações civilizadas, as paixões dos homens não são comumente tão furiosas ou tão desesperadas. Elas são frequentemente clamorosas e barulhentas, mas raramente muito prejudiciais e parecem frequentemente visar apenas a satisfação de convencer o espectador de que estão certos em se sentir tão comovidos e de obter sua simpatia e aprovação. (TMS V.2.11).

Em campos de concentração ou de refugiados, as pessoas não chorariam. Pessoas que visitam esses campos hoje choram, nos lembra Sweet. A dificuldade de estar no campo era e é autoevidente; não precisava e não precisa de qualquer convencimento.

Se você vive em circunstâncias realmente angustiantes e difíceis, chorar é um luxo. Sabemos que, quando sofremos uma perda, podemos estar tão chocados ou traumatizados que as lágrimas não vêm. Então, talvez devêssemos ver as lágrimas como um sinal de luto moderado, de emoção negativa suportável. Se você está suportando um sofrimento extremo ou dificuldade extrema, não é hora de chorar. (DIXON, 2015).

Adam Smith poderia ter escrito essas palavras.

Portanto, Adam Smith pode oferecer uma explicação coerente e possível para os dados e a análise atuais sobre o choro, que veem mais choro em países ricos e felizes do que em países pobres e angustiados.

## Referências

- BERRY, C. J. *The Idea of Commercial Society in the Scottish Enlightenment*. Edinburgh, Scotland: Edinburgh University Press, 2013.
- DARWIN, C. *The Expression of the Emotions in Man and Animals*. London & New York: Penguin, [1872], 2009.
- DIXON, T. *Weeping Britannia: Portrait of a Nation in Tears*, Oxford, UK: Oxford University Press, 2015.
- FERGUSON, A. *An Essay on the History of Civil Society*. Cambridge & New York: Cambridge University Press. [1767], 1995.
- JUSTMAN, S. *The Autonomous Male of Adam Smith*. Norman, OK: University of Oklahoma Press, 1993.
- HUME, D. *Essays, Moral, Political, and Literary*. Indianapolis: Liberty Fund, [1752] 1985.
- LEVY, D. M.; EART, S. “Adam Smith and the State: Language and Reform”. In: BERRY, C. J.; PAGANELLI, M. P.; SMITH, C. (eds.). *The Oxford Handbook of Adam Smith*. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 372-392.
- PEART, S.; LEVY, D. *The “Vanity of the Philosopher” from Equality to Hierarchy in Postclassical Economics*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2005.
- RAPHAEL, D. D. *The Impartial Spectator: Adam Smith’s Moral Philosophy*. Oxford & New York: Oxford University Press, 2007.

- SEBASTIANI, S. *The Scottish Enlightenment: Race, Gender, and the Limits of Progress*. New York: Palgrave Macmillan, 2013.
- SMITH, A. *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations*. Indianapolis: Liberty Classics, [1776] 1981.
- \_\_\_\_\_. *The Theory of Moral Sentiments*. Indianapolis: Liberty Classics, [1759] (1984).
- SMITH, C. *Adam Smith's Political Philosophy: The Invisible Hand and Spontaneous Order*. London: Routledge Press, 2006.
- SWEET, M. "The Luxury of Tears. People in rich countries cry more", 1843, April/May, <https://www.1843magazine.com/features/the-luxury-of-tears>. 2016.
- VAN HEMERT, D. A.; FONS, J. R. van de Vijver; VINGERHOET, Ad J. J. M. "Culture and Crying: Prevalences and Gender Differences". In: *Cross-Cultural Research* 45(4), 2011, p. 399-431.
- VIVENZA, G. *Adam Smith and the Classics: The Classical Heritage in Adam Smith's Thought*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- \_\_\_\_\_. "The Agent, the Actor, and the Spectator: Adam Smith's Metaphors in Recent Literature". In: *History of Economic Ideas*, 13(1), p. 37-56, 2005.

Email: [mpaganel@trinity.edu](mailto:mpaganel@trinity.edu)

Recebido: 07/2024

Aprovado: 12/2024